

ADER-SOUSA



CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO

MARKETING INTEGRADO DE COMUNICAÇÃO E PROMOÇÃO DO TURISMO

Minas do Peirão **A Relevância Turística de um Projecto**

Aluna: Maria Luz Nogueira Gonçalves

Orientadora: Dra. Ana Couto

10 de Abril de 2006



Licenciada em História, variante de Arqueologia, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a autora do trabalho é natural e residente no concelho de Castelo de Paiva, de onde se ausentou apenas para concluir os estudos superiores.

Finda a licenciatura começou por trabalhar na área do ensino, leccionando a disciplina de História aos níveis básico (3º ciclo) e secundário. Posteriormente enveredou por actividades ligadas à investigação arqueológica, quer ao nível da prevenção (estudos de impacte ambiental) quer ao nível da salvaguarda do património. Em 2002 passou a integrar a equipa da Câmara Municipal de Castelo de Paiva, para onde foi contratada com a finalidade de coordenar o Projecto do Museu do Carvão & das Minas do Pejão.

Paralelamente tem vindo a desenvolver várias actividades na Associação de Estudo e Defesa do Património Histórico-Cultural, de cuja direcção faz parte, destacando-se a realização anual de uma Feira do Séc. XIX, e a salvaguarda de elementos característicos da etnografia local, como o Barco Rabelo (recuperado e em exposição no parque da referida Associação), o engenho de linho e os lagares de vinho e azeite (estruturas também elas recuperadas, restauradas e em exposição no mesmo local).

Ao nível da formação tem participado em vários cursos ligados ao património e à sua fruição, destacando-se uma Pós-Graduação em Gestão Estratégica do Património, promovida pelo IPPAR e pelo Instituto Superior Politécnico de Gaya, e esta Pós-Graduação em Marketing Integrado de Comunicação e Promoção do Turismo.

Desta forma, e tendo em consideração quer a formação de base quer a formação complementar, bem como o percurso profissional da autora, assume-se como pertinente a escolha do tema central do presente trabalho uma vez que é, simultaneamente, o tema central do trabalho por si desenvolvido na Câmara Municipal.

Por outro lado, na escolha de tema foi também considerada a posição do concelho de Castelo de Paiva na Rota do Românico do Vale do Sousa. Com efeito, não sendo o românico o estilo característico ou predominante no concelho (que para a Rota contribui apenas com um monumento - o Marmoiral da Boavista), era por isso necessário encontrar produtos (e/ou Rotas) complementares que tornem Castelo de Paiva num destino atractivo para os visitantes da Rota do Românico do Vale do Sousa.



1. RESUMO

A relação entre Turismo e Património tem sido tema de inúmeras reflexões para os profissionais dos sectores turístico e patrimonial. Como refere Jorge Umbelino, “se é certo que o Turismo depende do Património para estruturar a sua oferta, não é menos verdade que lhe retribui através de um aumento de visibilidade e geração de receitas próprias” (Umbelino, 2004). Aliás, o Turismo é também apontado por muitos autores como uma das actividades que pode facilitar a regeneração dos Centros Históricos (Ferreira, 2004). Por outro lado, quando pensamos em públicos que desejam conhecer a nossa realidade histórica, ambiental e cultural, isto é, “que têm o prazer de nos conhecer como nós somos” (Loza, 2004) podemos então pensar que todos temos espaços para, qualificando-os, transformar no destino turístico de muita gente. Com este trabalho pretende-se contextualizar nesta problemática o Património Mineiro (remetendo para o caso em estudo), isto é, em que medida uma Minas abandonadas podem interessar ao público (e a que público) e, conseqüentemente, ao sector turístico e qual o papel que desempenham para que uma região se assuma como destino turístico.

Com efeito, um pouco por todo o lado observam-se, actualmente, “movimentos de revitalização e reinterpretação da especificidade cultural” (Moreira, 1996) que se traduzem num aumento da importância da preservação do património enquanto elemento de afirmação das singularidades que determinada região detém a título de exclusividade. No concelho de Castelo de Paiva, esta tendência, embora manifestando-se numa lógica de complementaridade entre os diversos recursos, encontra nas Minas do Pejão o seu projecto âncora, através da reabilitação e preservação de um património com o qual mantém memórias afectivas, de reencontro com a história dos seus antepassados, e que permite perpetuar a identidade de um povo que ao longo de muitos anos viveu da extracção mineira.

Ora este sentimento colectivo de saudade (tipicamente nacional) faz aparecer um mercado patrimonial em que as exclusividades regionais e afectivas, passam a ser vistas numa lógica de valorização comercial, e assumidas como o motor que permitirá viabilizar, de forma significativa, as actividades económicas locais, de forma a potenciar a sua eficácia e efeitos, transformando o concelho num pólo cada vez mais atractivo, tanto para os residentes como para a população externa.

Estes assuntos, outrora importantes para os especialistas da mineração, posicionam-se actualmente como motivos de valorização numa perspectiva da identidade mineira e de informação científica e cultural, atendendo à actual sociedade do conhecimento.



No caso em estudo, o Museu do Carvão & das Minas do Pejão surge como um projecto estruturante para o concelho de Castelo de Paiva, podendo gerar, pela relação que venha a estabelecer com os agentes económicos e sociais, um desenvolvimento ao nível económico, social e cultural, nomeadamente no campo do desenvolvimento do Turismo e das indústrias de cultura em geral, como se verá adiante. Desta forma, as Minas do Pejão podem tornar-se uma componente essencial da indústria turística com implicações económicas e sociais evidentes ao nível regional.

2. Objectivos

Uma mina só recentemente foi olhada numa perspectiva cultural, valor adquirido por inerência dos diferentes patrimónios a ela associados. O património mineiro, mais do que o património industrial, em todas as suas diferentes dimensões, representou para muitas famílias mineiras integradas em amplos espaços de mineração a única âncora e o elo cultural, por excelência. Constituído a partir das vivências de sociabilidade e de trabalho, definiu-se à volta de determinados valores territoriais e paisagísticos (a partir dos quais se estabeleceram as relações entre os habitantes dos mesmos espaços, fossem empresários, técnicos ou mineiros), e das relações entre todos estes agentes e as evidências físicas próprias da cultura material dominante.

Têm-se verificado desde os inícios da década de 90 do século passado que o abandono das minas para além de constituir um fenómeno de degradação ambiental representa uma profunda ferida social e cultural na Mina, enquanto entidade viva. Se à questão da degradação ambiental, o Estado tem obrigação de responder, na sequência do acautelamento das consequências daí inerentes para toda a comunidade, devendo repor as melhores condições ambientais e evitar perigos para a saúde pública¹, o mesmo não se verifica em relação à questão da vida e da identidade mineira. Se aquele aspecto hoje faz parte das políticas do Estado², já o tratamento das consequências sociais e sobretudo culturais do problema do abandono são uma grande lacuna nos objectivos de entidades que deveriam zelar pelas pessoas e pelo património das comunidades mineiras abandonadas³. Muitas destas comunidades nasceram no ambiente mineiro e nele viveram, vivem e viverão até morrer, transmitindo às gerações futuras o mesmo modo de vida, a mesma vontade de

¹ Em muitos casos por pura e simples ignorância ou dolo, noutros alheando-se de forma intencional (por falta de meios, por incapacidade técnica).

² Refira-se o “Projecto de Avaliação de Riscos Ambientais para a Reabilitação de Minas Abandonadas”, elaborado pelo IGM.

³ Sobre este problema, cf. CUSTÓDIO, Jorge - *As Minas Abandonadas do Ponto de Vista da Arqueologia Mineira e Industrial*, separata do *Boletim de Minas*, vol. 30, n.º 2, Lisboa, Instituto Geológico e Mineiro, 1993.



enraizamento familiar e social. Mesmo a emigração para outros centros económicos, à procura de outros empregos, não significou, na maioria dos casos, nem significa, de forma imediata, uma amnésia das raízes.

Abandonadas as minas, essas comunidades ficaram mais pobres, muitas vezes sem as referências do trabalho, do quotidiano, da habitação, da cultura material que receberam do contacto com os cavaletes, com os poços de extracção ou circulação, com as galerias e os minérios, com as casas da malta, com as unidades de lavagem, separação e preparação dos produtos extraídos. A paisagem envolvente encontra-se cada vez mais desarticulada e (des)estruturada por não ter havido um processo coerente de investigação que devolvesse à sua identidade os valores inerentes onde se posicionou.

É neste contexto que se pretende demonstrar em que medida uma instituição museológica se assume como uma realidade concreta contribuinte simultaneamente para a recuperação de uma zona degradada bem como para a protecção, salvaguarda, valorização e fruição da identidade mineira, cerzindo os elos entre si, garantindo coesão ao todo cultural na medida em que permite estruturar as vontades de políticas culturais com as entidades sociais, o património salvaguardado e os interesses sociais e culturais dos habitantes da mina. Por outro lado pretende-se evidenciar a relação de mútuos benefícios entre aquela instituição, cujo objectivo primeiro é a salvaguarda do património mineiro, e a actividade turística, isto é, em que medida pode uma instituição museológica de cariz mineiro interessar ao turismo, e desta forma participar activamente na recuperação económica de uma região: o concelho de Castelo de Paiva e região envolvente.

3. Descrição do Problema

Decorria o ano de 1999, cinco anos após o encerramento das Minas do Pejão, três entidades distintas - Câmara Municipal de Castelo de Paiva, Universidade de Aveiro e Associação Cultural do Couto Mineiro do Pejão, manifestaram interesse em desenvolver um projecto cultural comum cujos objectivos eram a criação de uma reserva museológica que procurasse preservar a memória das Minas do Pejão, ideia que deu origem a um protocolo assinado entre as partes a 18 de Maio desse ano. O próprio documento prevê a constituição de um Museu do Carvão implicando a "dinamização cultural e científica do Museu e do meio envolvente".

Apresentada a ideia à Rede Portuguesa de Museus, este organismo manifestou o seu interesse pelo Projecto, orientando os trabalhos no sentido de conceber um Museu que



pudesse por um lado responder a um tema mineiro e industrial geral e, simultaneamente, articular-se com a realidade das Minas do Pejão.

Neste sentido, toda a investigação realizada sobre a vida no Pejão foi, e continua a ser, fundamentada em inúmera informação documental reunida no IGM - Instituto Geológico e Mineiro (antiga designação), nos documentos do arquivo do Museu, além da consulta de obras de referência e mineiras em bibliotecas públicas e privadas, do que resultaram informações que permitem, por um lado, observar o fenómeno do carvão através de grelhas mais alargadas, abarcando, por outro lado, a realidade mineira do Pejão.

No entanto, toda esta informação que à partida se pretende condensar na Casa da Malta (Centro de Interpretação do Museu), não dispensa o conceito de Território Mineiro enquanto espaço de musealização. Com efeito, tendo como elemento estruturador o Território Mineiro, este Projecto Museológico assume um carácter se não inovador pelo menos de alguma raridade no panorama museológico português, ao apresentar um território próprio - o Território Museológico, isto é, os centros, núcleos, pólos e percursos que unificam as evidências físicas, as identidades sociais e culturais conferindo uma visão museológica coerente entre si, pelo que se impõe a sua construção de forma equilibrada nas suas diferentes vertentes. Impõe-se igualmente a sua salvaguarda, com recurso à classificação de interesse concelhio, enquanto núcleos e pólos de valor patrimonial in situ, dispersos pelo antigo Couto Mineiro e integrados na envolvente paisagística. Desta forma, define-se o Museu do Carvão & das Minas do Pejão como um Museu de Território.

De acordo com o Código Deontológico do ICOM para os Museus, um Museu é um “serviço público” e neste sentido a sua instituição promove o desenvolvimento social e cultural onde se insere. Por outro lado, um Museu de Território proporciona expectativas a nível do desenvolvimento do turismo, como a seguir se entende:

- a) Permite desenvolver o marketing cultural e turístico, chamando segmentos do fluxo turístico do Douro, “estrada fluvial” de entrada no concelho;
- b) Potencia a permanência no território desses turistas, gerando efeitos nas indústrias da restauração e da hotelaria;
- c) Desenvolve mecanismos de transporte de carácter cultural;
- d) Fixa receitas no território;
- e) Interessa aos investidores turísticos.



Percebe-se assim que o Museu do Carvão & das Minas do Pejão, enquanto Museu de Território constitui um universo de desenvolvimento turístico, cultural, social e económico que urge explorar.

4. Metodologia

O Turismo é cada vez mais apontado como um dos “clusters” mais relevantes da actividade económica mundial, premissa que se pretende aplicar também ao nível regional, isto é, fazer com que se traduza numa área de negócio das mais relevantes de um concelho, contribuindo para a revitalização e dinamização económica do mesmo.

Neste sentido, a metodologia desenvolvida abrangeu sobretudo uma abordagem analítica de fontes documentais disponibilizadas pelo Instituto Geológico e Mineiro (antiga designação) que permitiu fundamentar cientificamente o projecto que se pretende desenvolver (Museu do Carvão & das Minas do Pejão) e desta forma revesti-lo da credibilidade necessária, bem como uma análise multifacetada (de carácter mais diagnóstico) do concelho de Castelo de Paiva, no sentido de aferir a necessidade e relevância do projecto em questão, considerado Projecto Âncora para o concelho e para a Região.

5. Apresentação do Projecto

Definido o conceito de Território Museológico, interessa agora conhece-lo, ainda que resumidamente, enquanto espaço de musealização e, conseqüentemente, de visita. O ponto de partida desse Território Museológico é o Centro de Interpretação do mesmo território e o local sede da Fundação, do Museu e dos seus principais serviços e onde se irá desenvolver a exposição permanente principal.

a - Centro de Interpretação

A antiga Casa da Malta da Mina de Germunde/Mina da Serrinha, galeria nível 135, cozinha anexa e terrenos adjacentes formam o conjunto de espaços destinados fundamentalmente à exposição permanente do museu. Do ponto de vista do património edificado, trata-se de um edifício dos anos 50/60, entretanto alvo de obras de beneficiação para atender às funções



de dormitório e casa de apoio à entrada e saída do nível 135, com dois pisos destinados a vestiário e higiene dos Mineiros. Com a afectação ao Museu deste edifício pretende-se, antes de mais, conferir um sentido apropriado ao mesmo na sua relação com o território envolvente e desenvolver uma exposição permanente que, para além de ser uma introdução ao Museu, permita potenciar os valores sociais inerentes ao edifício.



Foto 1 – Casa da Malta



Foto 2 – Galeria da Mina 135

Já o território adjacente revela duas realidades espaciais distintas. Do ponto de vista geológico constitui a falda da Serra da Serrinha, realidade pré-existente à exploração mineira da Póvoa e da Mina da Serrinha e Germunde nº 1. Este espaço foi depois

ampliado pelas actividades do homem, formando uma escombreira, isto é, uma plataforma artificial formada pelo depósito de entulhos transportados do interior da mina.

A via de ligação entre a plataforma e a galeria é uma via-férrea instalada em unidades industriais e minas de primeira e segunda geração, constituída por elementos de via,



compostos de dois carris ligados por meio de arrebitos e travessas de madeira, cuja função é a circulação no interior das galerias de vagonetas vazias ou cheias de minério ou entulhos, por meio de tracção humana, animal ou motorizada, em função dos tempos tecnológicos e das necessidades da própria mina.

Faz, assim, todo o sentido que esta plataforma apresente uma caixa museológica (a construir) para colocação da Locomotiva a Vapor Pedorido e exposição da história ferroviária, a recolocação da via-férrea e ligação entre o exterior e a Galeria e colocação nessa via de transporte mineiro a funcionar, e ainda um miradouro - Miradouro da Escombreira (a construir) – varanda sobre o PGII e sobre o Douro.

Desta forma, o arranjo da área envolvente pretende, além de disponibilizar uma série de espaços destinados à fruição pública, tornar esta zona aprazível, de forma a incentivar a presença de pessoas no local. Sendo, pela sua localização, um local com vistas privilegiadas sobre o



Foto 3 – Locomotiva a Vapor “Pedorido”

Douro e encostas (ver Foto 4), é necessário que a relativa nudez do solo seja ultrapassada pela plantação de diversas espécies arbóreas e arbustivas, de forma a criar espaços convidativos, sem contudo constituir qualquer agressão paisagística ou ambiental.

b - Núcleos Museológicos

O conceito de Minas de Pejão pressupõe que os públicos entendam a realidade mineira como *Território*, até porque as Minas estão longe do Pejão, encontram-se noutra freguesia (Pedorido) e requerem a sua contextualização. Assim deverá eleger-se a paisagem mineira e um conjunto de edifícios – para além da Casa da Malta e da galeria anexa – como valores mineiros, culturais e sociais inerentes. Todos esses edifícios devem estar disponíveis à visita, no entanto com funções e situações patrimoniais, culturais e museológicas diferentes.



Quatro deles destinam-se a núcleos do Museu e os restantes a pólos dos itinerários de visita turístico-cultural a desenvolver e potenciar pela Fundação (o Museu será gerido por uma Fundação) e pela equipa do Museu.

b.1 - Poço de Germunde II (PG II)

Imponente estrutura edificada e com notável presença na paisagem que pode ser observada de imediato a partir das escombreyras da Casa da Malta, na Mina da Póvoa, onde se localizará o Centro de Interpretação.



Foto 4 - PG II

Obra de engenharia gigantesca, impõe-se na paisagem como um monumento técnico, cuja natureza e história deverá ser aproveitada num projecto deste tipo.

b.2 - Poço de Germunde I (PG I)

Poço mestre datado de 1956, do nível 35, revelando interessantes aspectos de arquitectura industrial mineira. A profundidade alcançada era de 150 m, com três pisos a 50 m uns dos outros, dispunha de quatro Receitas, uma superior, outra inferior e duas intermédias.



Foto 5 – PG I

b.3 - Canais do Fojo, para transporte de carvão por gravidade

Significativa e interessante construção em betão armado, provavelmente a última fase construtiva deste tipo de estrutura, destinada a viabilizar a trasfega do carvão de um nível superior para um outro inferior de modo a permitir o funcionamento articulado do caminho-de-ferro mineiro. A linha-férrea mineira desenvolvia-se em suaves declives nesta região montanhosa, com excepção de determinadas zonas onde se impunham acidentes geográficos, com diferenças de nível muito acentuados. Aí era construída uma estrutura deste tipo, onde era despejado o carvão por gravidade, na estação de descarga, até a um nível inferior, onde se encontrava uma estação de carga da linha-férrea seguinte.



Foto 6 – Canal do Martelo e da Arte



A estrutura revela inovação, sendo original e inédita. Os canais existentes encontram-se em razoável estado de conservação, implicando apenas acordo com a celulose que é detentora dos terrenos anexos – segundo se julga –, mas não da estrutura do dito Canal do Fojo. Os três canais estendem-se ao longo da encosta e dispõem de duas grandes escadarias, (uma em bom estado de conservação), para acompanhamento da sua trasfega conduzida. A escada, como os canais, necessitam de limpeza apropriada.

b.4 - Cavalete e Poço do Fojo

Tendo como modelo o Poço de S. Vicente da Mina de S. Pedro da Cova, construído em 1936, o Poço do Fojo, inaugurado em 1952, com o seu cavalete em betão armado iniciou uma nova era na lavra do carvão do Pejão. A extracção passou a fazer-se em profundidade cabendo a esta estrutura um papel relevante na ligação das galerias de subsolo.



Foto 7 – Cavalete do Poço do Fojo

Preende-se neste espaço – cuja recuperação deverá ser cuidadosa – explicar o monumento técnico na sua total complexidade. Destina-se a permitir fazer uma paragem no percurso de visita, podendo o visitante entregar-se ao lazer, numa cafetaria e esplanada ou percorrendo o recinto paisagístico com evidências mineiras. Pressupõe a recuperação e restauro das estruturas existentes.



c - Pólos do itinerário de visita turístico-cultural

Definidos os núcleos, vejamos agora os pólos a integrar no itinerário de visita. Ao todo são dez locais a visitar, implicando a montagem de sinalética adequada e uniforme.

Paraduça

- a) Poço de ventilação (nível 50).

Lugar do Pejão (velho)

- a) Sinalética com a planta do aglomerado urbano dos anos 30.
- b) Desaparecimento do lugar (anos 30-40) – transferência dos habitantes para outros lugares. Nascimento do Pejão novo.
- c) Cortas dos anos 90.

Evidências mineiras de Choupêlo

- a) Bocas das minas
- b) Capela de Santa Bárbara.
- c) Memorial de 1954, alusivo aos mineiros mortos em acidente no interior da mina.
- d) Vestígios do Bairro de Santa Bárbara.



Foto 8 – Capela de Sta. Bárbara

Corta do Choupêlo/Fojo

- a) Testemunho da exploração a céu aberto do tempo da Empresa Carbonífera do Douro. Lda. (período de Guedes & Consciência).

Folgozo

- a) Casas mineiras do bairro velho.

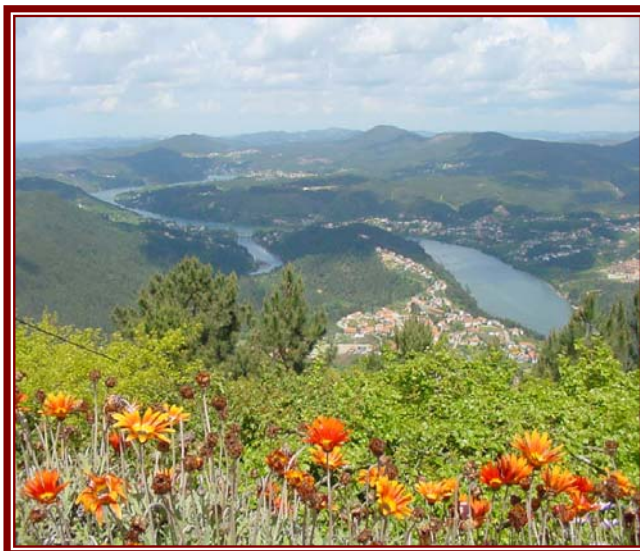
Mina do Ervedal

- a) Mina de lousa.



Alto de S. Domingos

- a) Marco geodésico situado no topo da Capela.
- b) Visita à Capela do Santuário de Romaria
- c) Local fundamental de observação da área geral do Couto Mineiro do Pejão.
- d) Local de observação das evidências geológicas à vista.



Oliveira do Arda

- a) Estação do Comboio de via estreita – Garagem da Máquina (ainda a estudar)
- b) Centro de Acção Social (1952)

Pedorido

- a) Ponte do caminho-de-ferro de via estreita, construída pela Empresa Industrial Portuguesa, Santa Amaro, Lisboa (1896), em vias de recuperação, devendo implicar preservação da memória técnica e das placas de construção e inauguração.
- b) Igreja de Pedorido (1949)





Germunde

- a) Monumento aos Mineiros (entrada das Minas).
- b) Solar da Quinta de Germunde, do Barão de Rendufe.
- c) Edifício da Administração – arquitectura modernista.
- d) Posto médico.
- e) Silos e Lavaria.



Foto 9 – Monumento aos Mineiros

Outros espaços a considerar e em articulação com o empreendedor turístico.

6. RELEVÂNCIA TURÍSTICA DO PROJECTO

Enquadramento Geral

O Concelho de Castelo de Paiva ocupa uma área fortemente marcada pelos relevos e vales, nas margens dos rios Douro, Paiva e Arda. São 109 km de terras enquadradas pelos encantos verdes da paisagem, pelos cumes de horizontes largos e pelos espelhos das águas fluviais que reflectem o azul como molduras para os mais encantadores quadros que a Natureza aqui privilegia.

A escassos 50 km da cidade do Porto, o concelho está dotado de um Porto Fluvial, capaz de permitir a acostagem das embarcações que usualmente navegam pelo Douro. A construção da variante à EN 222 veio aproximar o concelho ao litoral e aos grandes centros, dando novo fôlego de esperança a algumas actividades entretanto esgotadas como aconteceu com o Couto Mineiro do Pejão que encerrou em 1994. A outra variante à EN 224, no sentido de uma melhor ligação ao Vale do Sousa, está em vias de ser otimizada recebendo as ligações pelas pontes novas de Entre-os-Rios. (in À Descoberta do Vale do Sousa, Rotas do Património Edificado e Cultural)



Não obstante a beleza paisagística que, sem custo, todos lhe atribuem, o certo é que se trata de uma região dotada de poucas estruturas e iniciativas empresariais ligadas ao turismo. Atendendo a esta realidade, e tendo em linha de conta, por um lado, que os turistas necessitam de pontos de interesse e, por outro lado, que são necessárias estruturas capazes de os cativar para a vinda e permanência na região, foram pensados e apresentados, para a região, projectos PITER públicos e privados, onde foram já definidos os investimentos ÂNCORA. De extrema importância para a região, o programa PITER engloba investimento privado diversificado na área do turismo, bem como uma fatia significativa de investimento público.

Economicamente marcado por um ainda elevado índice de ruralidade, Castelo de Paiva tem registado contudo, nos últimos anos, nomeadamente após o encerramento das Minas do Pejão em Dezembro de 1994, um acentuado crescimento do seu tecido empresarial constituído por empresas ligadas ao calçado, aos têxteis, madeiras e metalomecânica.

Ao nível da instrução, apesar de acompanhar a melhoria geral verificada no sistema educativo, apresenta ainda uma população com uma significativa taxa de analfabetismo e um reduzido nível de instrução, com vivências profundamente marcadas por um deficit de dinâmicas culturais.

Não obstante esta vincada traça agrícola e industrialização tardia, o concelho registou na última década uma subida de cinco pontos percentuais do seu efectivo populacional, o qual se caracteriza também por um certo equilíbrio etário.

Ao nível do emprego, a população activa concentra-se, sobretudo, nos sectores primário e secundário, sendo o terciário o menos expressivo, centralizado na sede de concelho. Estes factores, aliados a uma descontinuidade geográfica na distribuição das empresas, implicam uma certa mobilidade populacional, caracterizada por migrações internas, mas também, e com especial incidência, por um êxodo populacional de quadros médios para as áreas urbanas mais próximas, tendência que será apenas contrariada com mudanças significativas ao nível da habitação, infra-estruturas, economia e acessibilidades.

Torna-se, deste modo, urgente para a região e para o concelho a aplicação de toda uma política de planeamento e desenvolvimento turístico, sobretudo pela implantação de infra-estruturas e pelo desenvolvimento de acções de qualificação dos recursos-humanos na área do Turismo, o que permitirá, como resultado imediato, a retenção da população jovem ligada à actividade do pretendido Turismo viável.



Atendendo à natural vocação turística da região, pretende-se o desenvolvimento de toda uma estratégia de captação de investimentos privados paralelamente a investimentos públicos. Com efeito, o fortalecimento da infra-estrutura turística é uma vertente importantíssima do desenvolvimento turístico, tarefa partilhada entre o investimento público e o privado. Assim, consolidando-se a vertente turística cada vez mais como um dos grandes vectores da expansão económica da região e do concelho, verifica-se a necessidade de acções voltadas para o marketing turístico e para a qualificação da mão-de-obra. As estratégias de desenvolvimento turístico, apresentando resultados positivos, permitirão que se cumpra a grande meta: colocar este concelho como um destino turístico de qualidade ainda nesta primeira década do novo milénio.

Por outro lado, o desenvolvimento turístico permitirá, a curto prazo, a criação de postos de trabalho e de fontes de rendimento, com vista a fixar na região pessoas e riqueza, assente na valorização dos diversos recursos regionais, por um lado, bem como na existência de um importante e abundante legado histórico (ao nível do património arqueológico, religioso, civil/popular, militar, bem como aglomerados rurais de interesse turístico).

Desta estratégia de desenvolvimento resultará, como esperado, e de forma harmoniosa para o todo regional, uma diversificação e consolidação da economia, bem como novos estímulos a acções de dinamização do tecido social.

A contextualização global que cada vez mais ocorre em todos os sectores, turístico inclusive, leva a dar especial enfoque à questão da competitividade, que nos conduz às particularidades concelhias e, num espaço mais alargado, regionais, como autênticas mais-valias para o desenvolvimento pretendido.

Tal implica uma atenção especial às singularidades dos recursos regionais (concretamente os fluviais, assumindo posição de destaque os projectos, recentemente concluídos, de dinamização do Cais do Castelo que, paralelamente à revitalização da zona envolvente ao Cais, permite o atracamento de grandes embarcações, e o projecto de requalificação das margens dos rios Arda e Douro, promovido pelo IPTM – Instituto Portuário e dos Transportes Marítimos, na zona ribeirinha de Pedorido); mas também uma atenção muito especial aos recursos que a região detém a título de exclusividade, e por isso mesmo aliciante para os consumidores e que, no caso concreto coincide com o projecto museológico do Pejão.

Assim, a valorização do concelho e da região assentará numa lógica de complementaridade entre os diversos recursos internos e externos, nomeadamente no respeitante às infra-estruturas, pelo investimento contínuo na melhoria das acessibilidades rodoviárias internas e



externas; pela potenciação do reequilíbrio da distribuição da oferta hoteleira e da restauração (e da sua dotação de componentes de animação); pelo fomento da construção de novas unidades (hotelaria e restauração) nas aldeias e junto de outros pontos atractivos, preferencialmente reabilitando construções existentes; pela integração, em termos de projecto, das componentes formativas de núcleos turísticos, nomeadamente Minas-Aldeia-Natureza; pela requalificação das praias fluviais; pela criação de uma rede de auditórios e cine-teatros que permita a utilização turística; pelo fomento da criação de equipamentos desportivos com interesse para o Turismo, nomeadamente centros hípicas, centros de aprendizagem de golfe, circuitos de manutenção, locais para a prática de desportos de aventura.

Será esta complementaridade o motor que permitirá viabilizar, de forma significativa, as actividades económicas locais, de forma a potenciar a sua eficácia e efeitos, transformando o concelho e a região num pólo cada vez mais atractivo, tanto para os residentes como para a população externa.

Características Gerais da Oferta

Como tem vindo a ser referido, o desenvolvimento turístico do concelho partilha das sinergias conseguidas no patamar dos recursos e potencialidades existentes para oferta, na sua maioria - e à semelhança do que ocorre um pouco por todo o país, rico em matizes culturais, patrimoniais, ambientais, - exclusivos desta região.

Neste contexto enquadram-se as seguintes constatações:

- existência de restauração com qualidade e representatividade gastronómica;
- existência de um conjunto de unidades que pelas condições de localização, tipicidade, qualidade da gastronomia regional disponibilizada e qualidade do atendimento contribuem para a diferenciação turística;
- existência de um vasto conjunto de elementos do passado – património arqueológico, monumentos, tradições, usos e costumes, folclore, gastronomia;
- existência de uma grande diversidade de recursos turísticos primários (ligados ao ambiente e cultura), os quais, devidamente aproveitados, perspectivam uma boa posição no Turismo Rural, no Turismo Cultural, no Turismo de Aventura - em concreto o Rio Paiva associado à prática de desportos fluviais, as praias fluviais, as aldeias típicas, a musealização das Minas;



- existência de uma forte potencialidade de desenvolvimento regional no que se refere aos recursos turísticos secundários, com necessidades de intervenção ao nível, como já mencionado, da criação de equipamentos desportivos com interesse para o Turismo e da oferta hoteleira e de restauração típica, entre outros serviços.

A criação do Museu do Carvão & das Minas do Pejão visa essencialmente oferecer a toda a região mineira um local onde as memórias dessa região estejam perpetuadas e onde se venha a relatar factos históricos de gerações que viveram da exploração mineira.

Através de todo o espólio existente, quer documental quer material, esta instituição pretende dinamizar uma região marcada pela extracção de minério, quer pela exposição patente no Centro de Interpretação/Casa da Malta, quer pelo convite a percorrer o Território Museológico, quer pela possibilidade de visita ao interior de uma galeria da Mina de Germunde, a recuperar. É, assim, um produto altamente diferenciado uma vez que é o único, no país, a fornecer a possibilidade de contactar com o processo de exploração do carvão, e, deste modo, a demonstrar as condições de laboração nas minas.

Constituirá deste modo um local de visita, um ponto turístico por excelência uma vez que, a médio prazo, nascerá uma unidade turística de grande envergadura nos terrenos contíguos ao Museu, estando também previstos para o Concelho, como já foi referido, novos projectos hoteleiros. Devem ser criadas sinergias e procuradas complementaridades de forma a obter resultados positivos para todos os projectos.

Por outro lado o emprego é uma razão sólida para a aposta no desenvolvimento, pelo que nesta perspectiva e no patamar da iniciativa privada, o desenvolvimento turístico potenciado a partir da instituição museu, viabiliza mais emprego e a sua qualificação na área cultural.

Assim, o Museu do Carvão & das Minas do Pejão – enquanto museu de território e dispondo de um território museológico polinucleado, perfeitamente protegido, identificado, estudado e sinalizado – constitui um universo de desenvolvimento cultural, social e económico, que urge explorar nas linhas e rumo apontado.

Características Gerais da Procura

O Museu do Carvão & das Minas do Pejão pretende criar um espaço onde, pelo relato da actividade mineira, se perpetue a sua identidade, quer na região, quer no país. Deste modo, é necessário conceptualizar um conjunto de actividades para colocar à disposição de todos os visitantes, quer pela idealização da exposição permanente relacionada com a temática do



Museu, quer pela concepção de exposições temporárias sobre diversos temas, para além da criação de ateliers.

A sazonalidade deste projecto está associada por um lado à comunidade escolar, cuja procura incidirá maioritariamente durante a época de Inverno, e por outro lado aos turistas que se concentrarão durante os meses tradicionais ligados ao Verão, ou seja de Maio a Setembro.

a) - Comunidade escolar (CE): trata-se, indubitavelmente, de um importante cliente do Museu, pelo que se deve apostar em ofertas especiais a grupos, e contratualizações com as respectivas Câmaras Municipais, principalmente do Norte do País. Encontram-se registados na Direcção Regional de Educação do Norte cerca de 500.000 alunos, distribuídos pelos vários níveis de ensino, desde o pré-escolar ao secundário. Partindo do princípio que o número associado à população escolar se irá manter inalterado durante os primeiros anos de exploração do Museu, a taxa de penetração esperada, nesse mercado, será 1% no primeiro ano, possibilitando cerca de 5.000 visitas, com um aumento progressivo de 1% por cada ano decorrido. Todos estes visitantes terão menos de 18 anos.

Os estudantes universitários que, por razões pedagógicas ou outras, procurarão o Museu, encontram-se previstos na rubrica turistas ocasionais no Concelho. São consumidores postos em contacto com o Museu através de mailings enviados a todas as escolas e através da participação em acções de promoção específicas para os decisores educacionais. As marcações serão feitas nos serviços do Museu.

b) - Turistas ocasionais que pernoitem no Concelho (TOPC) - através dos empreendimentos existentes no Concelho será feito o encaminhamento desses turistas para o Museu. As marcações serão feitas pelos serviços dos empreendimentos junto dos serviços do Museu. Estima-se que pelo menos 50% dos turistas que utilizem os empreendimentos turísticos do concelho visitem o Museu. Como se trata de um mercado de turismo familiar, estimamos que 25% dos visitantes, deste segmento de mercado, terão menos de 18 anos.

c) – Outros Turistas ocasionais que não pernoitem no Concelho (TNPC) - Visitaram o Posto de Turismo no Centro de Castelo de Paiva, no ano de 2005, cerca de 900 turistas, dos quais 1/3 eram estrangeiros. Com a promoção do Concelho e do Museu através das entidades já apontadas, estima-se que o crescimento seja de 50% nos próximos anos. Dos atendimentos efectuados, 85% das pessoas irão visitar o Museu. O encaminhamento será feito pela funcionária do Posto de Turismo que indicará o



Museu e fornecerá todas as indicações. Como se trata de um mercado de turismo idêntico ao anterior, estima-se que 25% dos visitantes do Museu tenham menos de 18 anos.

- d)** – Turistas encaminhados por Redes de Agências de Viagens (TAV – Por parcerias criadas com Agências de Viagens, estima-se que as mesmas forneçam um autocarro/semana, no primeiro ano, para visitas guiadas ao empreendimento museológico, número que, espera-se, sofrerá um aumento progressivo por cada ano decorrido.
- e)** Clientes de Cruzeiros no Rio Douro (CCD) – Estima-se que a actividade da navegação turística no rio Douro, conforme o Relatório de Actividade do Instituto de Navegabilidade, se mantenha em bom ritmo de crescimento. Assim, prevê-se um aumento constante em cerca de 15% dos turistas que utilizam o percurso próximo ao Museu. Espera-se que a penetração deste produto nesse mercado seja no primeiro ano de 20%, no segundo de 30%, no terceiro de 45%, fixando-se como objectivo a atingir, 55% a partir do quarto ano.
- f)** Todos os investigadores que pretendam desenvolver o seu trabalho no Museu
- g)** População geral local, que certamente verá no Museu o local onde são guardadas e partilhadas as suas memórias e imagens.

Intermediários e Parceiros

Os principais intermediários neste processo de criação do Museu do Carvão & das Minas do Pejão são, como facilmente se compreende, as instituições envolvidas na sua criação.

Reconhece-se, no entanto, que o âmbito da actuação destas entidades é mais abrangente, não possuindo um conhecimento específico neste sector, pelo que se torna necessária uma contextualização com outras entidades mais vocacionadas para esta área de negócio, pelo acerto de comissões sobre as vendas efectuadas, ou complementando a sua oferta específica.

Trata-se de um equipamento que, pela sua génese e concretização, poderá aproveitar e revelar sinergias com outras entidades de diversas pragmáticas como forma de divulgação e promoção do Museu, do Concelho, da Região e do País.



a) - Endógenos ao Concelho

- Região de Turismo Rota da Luz – Posto de Turismo de Castelo de Paiva: a todos os turistas que recorrerem ao posto de Turismo de Castelo de Paiva, serão fornecidas informações promocionais do Museu do Carvão & das Minas do Pejão, com a entrega de panfletos, brochuras e do visionamento da página de Internet, como forma de fidelizar e cativar desde logo o cliente.

- Aproveitamento de sinergias com os empreendimentos existentes, ou a instalar no Concelho a curto-prazo:

- × Hotel Rural Casa de S. Pedro – Unidade de 4* com 12 quartos com piscina e court de ténis, sedeadado na freguesia de Sobrado

- × Residencial Castelo D`ouro – Residencial de 18 quartos sedeadada em Sobrado, sede do Concelho.

- × Complexo Turístico Quinta de Germunde – 17 casas de turismo de habitação e um hotel. A sua oferta será de 50 camas. Situa-se na freguesia de Pedorido.

- × Quinta D. Amélia – Aldeamento de 21 habitações tipo T1, com restaurante e adega típica. Situa-se na freguesia de Bairros

- × Cooperativa de Habitação HABECE- Aldeamento de 28 casas tipo T2 de 3* sedeadada na freguesia de Fornos, com restaurante e piscina aquecida.

- × Quinta das Fontainhas – 31 quartos Unidade de 4* situado na freguesia da Raiva

- × Quinta do Toutiçal – Turiroch – Unidade de 3* com 30 quartos com restaurante e adega regional. Situa-se na freguesia de Fornos.

b) - Exógenos ao Concelho

- × Será privilegiado o encaminhamento através de agências de viagens. Desta forma,

incluindo este projecto em percursos de animação turística, serão organizadas visitas ao Museu e respectivo Território.

- × Empresas que exploram a navegação Turística no Douro – de acordo com dados do IPTM o turismo fluvial no rio Douro mais que duplicou nos último cinco anos e deverá continuar a aumentar nos próximos tempos, tendo-se verificado uma subida na ordem dos 120 pontos percentuais. Com 123.512 turistas registados em 2000, o Douro recebeu em 2001 apenas



81.300 (atendendo a factores excepcionais entre os quais a queda da ponte Hintze Ribeiro), tendo uma recuperação em 2002, com 135.983 mil visitantes, registando-se novo crescimento em 2003, com um total de 167.983 turistas a subirem o Douro de barco, para um total de 180.000 em 2004 (ainda não se conhecem os dados de 2005), números respeitantes apenas aos cruzeiros que passam pelo menos uma eclusa, não incluindo os cerca de 250.000 turistas que efectuam os chamados cruzeiros das cinco pontes, isto é, os cruzeiros de curta duração que saem e regressam ao Porto sem qualquer paragem⁴. Tendo em conta esta realidade, serão desenvolvidos contactos com as seis empresas que exploram a navegação turística no Rio Douro para que incluam na sua viagem uma visita ao museu.

× Região de Turismo Rota da Luz – Tratando-se do principal recurso cultural do Concelho, promover-se-á uma forte aposta promocional junto da entidade que, a nível regional, tem a incumbência de promover a região. Assim, em todas as feiras, nacionais e internacionais, e nas acções promocionais em que a Rota da Luz participe, verificar-se-á merchandising do Museu.

× ADRIMAG - Da mesma forma, mas com um enquadramento legal diferente, decorrente da sua natureza jurídica enquanto Associação de Desenvolvimento Local, a Associação de Desenvolvimento Integrado das Serras de Montemuro Arada e Gralheira irá ter nos seus objectivos promocionais a divulgação do Museu do Carvão & das Minas do Pejão.

× Comunidade Urbana do Vale do Sousa - A Comunidade Urbana do Vale do Sousa integra todos os Municípios do Vale do Sousa. Não obstante as alterações legislativas e o seu novo enquadramento jurídico, não deixará de ser um somatório das seis realidades concelhias integrantes desse espaço regional. A partir da sua instalação o Museu do Carvão & das Minas do Pejão será o projecto estruturante do Concelho com dimensão regional. A Comunidade, ao nível do sector cultural e também da visibilidade turística, irá dar destaque a este equipamento.

Conclusão:

Sendo, por um lado, um dos componentes fundamentais de dinamização turística e cultural que se pretende efectivar no concelho, o Museu do Carvão & das Minas do Pejão vê a sua importância acrescida pelo facto de se tratar de um projecto pioneiro, uma vez que Castelo de Paiva ainda não possui qualquer equipamento deste tipo e com estas funções.

⁴ Fonte IPTM – Instituto Portuário e dos Transporte Marítimos



Por outro lado, a criação de um espaço museológico cujo núcleo temático seja o mundo mineiro (Minas de Carvão do Pejão), reflecte a vontade das gentes de Paiva em recuperar, conservar, divulgar e, deste modo, valorizar o património da actividade mineira, testemunho de longas décadas de trabalho que se prende com determinadas formas de vida, de ocupação e humanização do território.

Assim, num contexto em que se pode entender Turismo enquanto meio privilegiado para a defesa e valorização do património cultural, entende-se, igualmente, como se constatou, enquanto instrumento para o desenvolvimento económico, social e cultural, evidenciando-se como um dos seus pontos de actuação estratégica o investimento em equipamentos e serviços que reflectam o carácter da região. A utilização dos recursos patrimoniais, independentemente da sua natureza (no caso de Castelo de Paiva actividade mineira) pela actividade turística pode assim, inverter a tendência tradicional de oferta junto ao litoral, dispersando o turismo também para as pequenas localidades, funcionando assim como factor de revitalização das economias locais.



Referências Bibliográficas

AIRES, António Martins, “O Poço do Fojo”. In *O Pejão*, n.º 45, Junho de 1952.

Idem, “O Poço do Fojo”, in *O Pejão*, n.º 50, Novembro de 1952.

CUSTÓDIO, Jorge, *As Minas Abandonadas do Ponto de Vista da Arqueologia Mineira e Industrial*, separata do *Boletim de Minas*, vol. 30, n.º 2, Lisboa, Instituto Geológico e Mineiro, 1993.

Idem, *As Minas Abandonadas do Ponto de Vista da Arqueologia Mineira e Industrial*, separata do *Boletim de Minas*, vol. 30, nº 2, Lisboa, Instituto Geológico e Mineiro, 1993.

Idem, “Educação patrimonial”, in *Centros Históricos, Revista da Associação Nacional de Municípios com Centro Histórico*, n.º 4 - 2ª série, Jul./Set. 2000.

CUSTÓDIO, Jorge e BARROS, Monteiro de, *O ferro de Moncorvo e o seu aproveitamento através dos tempos*, [Lisboa]: Ferrominas, S.A.1984.

CUSTÓDIO, Jorge e CAMPOS, Nelson, "O Museu do Ferro & da Região de Moncorvo: um museu do território?“, in *Museu do Ferro & da Região de Moncorvo. Centro de Interpretação*, coordenação de Jorge Custódio e Nelson Campos, Torre de Moncorvo: PARM, 2002.

FERREIRA, Ana Maria, 2004, “Gestão de Fluxos Turísticos em Centros Históricos – O Caso de Faro”, in *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 2 (1).

Jornal O Pejão, 1952, 49, Ano V.

LOZA, Rui Ramos, 2004, “Património e Turismo – Cidade, Chuva Miudinha e Três Milénios de História”, in *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 2 (1).

MACHADO, António Cabral Diogo, “As Minas de Carvão do Pejão”. In *Boletim de Minas*, 7 (4) Out.-Dez., 1970.

MARRANA, Rui, *As minas do Pejão. Reflexões sobre o passado, análise do presente, proposta para o futuro*. Porto: EDC-SARL, 1985.

MOREIRA, Carlos Diogo, 1996, *Identidade e Diferença – Os Desafios do Pluralismo Cultural*, Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa.



ROCHA, Idorindo Vasconcelos da, *O Carvão numa Economia Nacional. O caso das Minas do Pejão*. Dissertação de Mestrado em História Contemporânea, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 1997 (policopiado). (BN – SA 85573 V)

Idem, *O Carvão numa Economia Nacional. O caso das Minas do Pejão*. Arcozelo: Estratégia Cristã, 1999. UMBELINO, Jorge, 2004, “Turismo e Património, Algumas Ideias Para Reflexão”, in *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 1 (1).

SOARES, Arlindo Gonçalves, “Incidência da silicose nas minas do Pejão nos últimos cinco anos”, in *Um Simpósio sobre Higiene e Segurança no Trabalho Realizado nas Minas do Pejão*. Porto: Sociedade de Papelaria, 1961.

Idem, “A luta contra a silicose nas Minas do Pejão”. In *Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro*, vol. XII, Fasc. 3-4.

SOUSA, M. J. Lemos de, *Os carvões da Bacia Carbonífera do Douro*. Separata de *Geonovas* (Lisboa) 6, 1984.